

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR LITORAL

A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR PARA A VALORIZAÇÃO E
APLICAÇÃO DAS DIRETRIZES PARA EDUCAÇÃO DO CAMPO

MATINHOS

2014

DJALMA FERREIRA DA SILVA

A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR PARA A VALORIZAÇÃO E
APLICAÇÃO DAS DIRETRIZES PARA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Trabalho apresentado como requisito parcial para a obtenção da certificação do curso de Especialização de Educação do Campo, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Gilson Walmor Dahmer

MATINHOS

2014

SUMÁRIO

CITAÇÃO.....	4
AGRADECIMENTO.....	5
RESUMO.....	6
1 INTRODUÇÃO	7
2 OBJETIVO GERAL	9
METODOLOGIA	
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	9
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	10
4 CONCLUSÃO.....	11
REFERÊNCIAS.....	13
ANEXOS	
Fotos do lugar onde será implantada a futura horta escolar	

"A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe."
(Jean Piaget)

AGRADECIMENTO

Agradecemos primeiramente a Deus, por sua Bondade, Sabedoria e Amor e também a nossa Prof. Janice Gallert, e ao meu professor Gilson Walmor Dahmer que com paciência tem nos ensinado muito sobre a Educação do Campo e sobre a vida, pois através de seus exemplos, nos motivam a ser profissionais da Educação conscientes, para atuar com responsabilidade na escola, nas salas de aulas e bibliotecas, em benefícios dos alunos vindos do campo e da zona rural de nossa cidade.

A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR PARA A VALORIZAÇÃO E APLICAÇÃO DAS DIRETRIZES PARA EDUCAÇÃO DO CAMPO

SILVA, Djalma Ferreira da¹

Resumo

Este trabalho pretende apresentar uma experiência prática que buscou envolver a comunidade escolar na reflexão sobre o estado atual da Educação do Campo em todo nosso país. Com a experiência de implantação de uma horta escolar foi possível proporcionar espaços de troca de experiências e de divulgação do apoio dos governos municipais, estaduais e federal com os novos programas e diretrizes que possibilitam ao homem do campo expressar suas ideias, de sua geração, da sua comunidade. Enfim, um retrato de seu tempo que foi esquecido e deixado à marginalidade dos projetos e programas dos governos anteriores.

Palavras-chave: Educação e Cidadania, Participação Comunitária, Escola, Alunos. Professores e Leis.

¹ Acadêmico do curso de Pós Graduação em Educação do Campo CPEAD_UFPR no PTI em Foz do Iguaçu.

1. INTRODUÇÃO

Na busca por um melhor entendimento sobre a Educação do Campo e as diretrizes operacionais, que organizam e determinam as funções, limitações e poderes das repartições públicas e dos atores envolvidos, vemos que estas diretrizes, baseadas na legislação educacional, formam o conjunto de princípios e procedimentos que procuram pelo bem estar da educação no Campo. Através das Diretrizes Educacionais, do Projeto Político Pedagógico, e do Plano Municipal de Educação, é possível aliar os saberes dos estudantes, pela memória coletiva das comunidades do campo, com a participação da comunidade escolar e dos movimentos sociais, aos projetos que visam ajudar e contribuir com a melhoria da Educação do Campo.

Pois cada aluno do campo é um usuário e agente, um modificador de sua história, deixando nela marcas decorrentes de novas situações, novas políticas educacionais e evoluções que naturalmente ocorreram e continuarão ocorrendo. Assim podemos constatar que o homem do campo, possui vida própria, costumes, uma cultura particular que é passada aos seus filhos. Estes alunos da zona rural, desde a sua origem, têm sofrido transformações culturais em sua evolução que continuam ocorrendo nos dias de hoje e são expressas em sua fala espontânea de nossa língua, e nos seus hábitos culturais, que devem ser respeitados. Segundo CALDART, R. S. **Sobre Educação do Campo**. (2007). “O III Seminário Nacional buscou reunir todos os sujeitos que atuam na Educação do Campo a partir das ações do Pronera – desde a especificidade, o acúmulo teórico, até a prática social de cada um dos agentes envolvidos –, a fim de realizar um balanço de suas ações ao completar uma década. O evento foi uma oportunidade para projetar Educação do Campo o futuro e oferecer aos camponeses, ao governo e às universidades uma atualização do debate acerca da educação na reforma agrária além de trazer as novas questões que tal debate enseja para a Educação do Campo e para a construção/renovação/atualização das políticas públicas de educação da população rural.”.

Desse modo este artigo busca o resgate da importância e da cidadania do homem do campo e em especial de seus filhos, que são alunos da rede estadual e

municipal de ensino em nossa cidade. Para isso podemos usufruir das ferramentas educacionais proporcionadas pelas esferas que planejam a Educação do Campo.

Parafrazeando por exemplo, o Artigo 3º da Resolução CNE/CEB. de 3 de Abril de 2002: **RESOLUÇÃO CNE/CEB (2002)**. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo , onde lemos que:” o Poder Público, leva em consideração a importância da Educação Escolar, e para que se exerça uma cidadania plena, desenvolvida com referências de justiça social, solidariedade e diálogo entre todos independentemente se pertencer á áreas rurais ou urbanas, traz a estes alunos garantias universais de acesso à educação Básica e Profissional de Nível Técnico.” Percebo que temos um respaldo enorme que muitas vezes não utilizamos neste processo. É possível recorrer ao Poder Público, todas as vezes que alguém tente desviar a intenção ou as verbas que são legalmente direcionadas à Educação do Campo. O conteúdo das Diretrizes Educacionais, do Projeto Político Pedagógico da Escola, e do Plano Municipal de Educação, proporciona as armas necessárias para defender nossos alunos para ter acesso irrestrito à Educação do Campo com qualidade e recursos definidos por lei.

Assim ao fazer a pesquisa da realidade dos atores envolvidos e todos os componentes de responsabilidade do estado como: a capacitação dos professores, transporte escolar para a realidade de vida no meio rural, entre outras, e quais as influências que tudo isto pode causar nas atividades escolares, é nítida a demanda por espaços que permitam uma troca de experiências e que proporcionem uma forma de divulgar todos os direitos legais que os estudantes do campo podem se apropriar. No decorrer deste curso e principalmente no ano de 2013, eu pude sentar e conversar com toda a comunidade escolar, envolvendo os alunos, os professores, os administrativos e os funcionários de escolas, e chegamos a um ponto que tornou-se a nossa meta para o ano de 2014. Criar um espaço que permita a expressão dos estudantes que moram no campo e onde eles possam se reconhecer como um sujeito atuante e com similaridades ao ambiente que habitam, como uma horta ou ambiente externo a sala de aula, pode proporcionar um envolvimento de toda comunidade escolar e também um maior interesse dos sujeitos do campo aos seus direitos como cidadãos.

2. OBJETIVO GERAL

Com o objetivo de envolver toda a comunidade escolar no projeto da elaboração de uma horta escolar, para proporcionar um ambiente favorável à uma integração de toda a comunidade escolar, com trocas de experiência e divulgação dos direitos legais dos cidadãos do campo. Criando assim um ambiente favorável para uma “A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR PARA A VALORIZAÇÃO E APLICAÇÃO DAS DIRETRIZES PARA EDUCAÇÃO DO CAMPO.”

METODOLOGIA

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Trabalhar em colaboração com os alunos, para o plantio e colheita de verduras, legumes, hortaliças e frutas; estudar os processos biológicos do crescimento dos alimentos, prazos, manejo, composição química das plantas e das necessidades alimentícias que um aluno possui.

MATERIAL E MÉTODOS

Aproveitar um grande espaço escolar ocioso e cheio de mato. Onde os alunos que moram na zona rural de foz e que frequentam nossa escola, possam repartir seus conhecimentos e experiências no trato da terra e plantio, dando aos outros alunos a oportunidade de quebrar barreiras e preconceitos, criando um clima de colaboração e busca do conhecimento do homem do campo e sua ciência do cultivar a terra. Valorizando assim os alunos que moram na zona rural, e já pelo ensino dos pais possuem o conhecimento e a ciência de como alcançar êxito na implantação da horta escolar.

No final do projeto da Horta Escolar, nos teremos a colheita dos alimentos produzidos por todos os envolvidos, e estas frutas, legumes, e hortaliças, serão consumidas na comunidade escolar durante a merenda escolar, para que todos possam ver o fruto do trabalho coletivo e da grande importância dos conhecimentos

que os alunos da zona rural possuem, valorizando-os, e quebrando preconceitos sobre a vida no campo e sua importância.

Em todos os momentos apresentar documentos que contenham informações sobre as atribuições do estado em relação a Educação do Campo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assim, através do meu trabalho na biblioteca da escolar pude constatar que em nossa escola, através de uma pesquisa de amostragem onde pude fazer a seguinte pergunta :

Nossa escola precisa de uma horta–escolar ? SIM ou NÃO, dos 40 alunos que responderam 36 responderam sim e 4 responderam não, assim 90 % dos alunos aprovaram a proposta de ter-se uma horta escolar, e perguntado a 10 funcionários, 8 deles concordaram com a necessidade de uma horta-escolar, perfazendo 80% dos funcionários e sobre os professores, quando questionados para 20 professores, 14 deles concordaram com a implantação de uma horta-escolar, perfazendo 70% dos professores, assim sentimos a necessidade de lutar por este projeto, que dará muito trabalho, mas a recompensa educacional será ainda maior.

Temos agora a chance de transformar a Educação do Campo, e mudar essas desigualdades, que imperaram por tantos anos, através do Latifúndio, da Industrialização e dos interesses econômicos do agronegócio, e poderemos evoluir para uma nova fase, onde as pessoas do Campo poderão usufruir de uma educação de Qualidade, livre destas amarras políticas-econômicas, sei que a luta é grande, e temos muito a conquistar, mas não podemos parar agora após algumas vitórias ou batalhas, pois a Guerra contra mal formação do aluno no campo ainda não terminou, estamos nos preparando através da UFPR e deste curso de Pós Graduação em Educação do Campo, prontos para enfrentar a próxima batalha, seguindo as orientações dos nossos coordenadores e tutores, pelos quais somos muito grato por esta grande e especial oportunidade que nos foi dada.

Também em três famílias camponesas que eu pude ter contato e que moram há muito tempo na região, me disseram através de nossa conversa, que as coisas mudaram muito com o passar dos anos, pois elas me relatavam que nos tempos

antigos, elas iam para a escola muitas vezes descalças, pois não tinham nem um calçado para frequentar as aulas, e elas buscavam compreender por quais processos passaram desde que vieram viver no campo, mas a falta de recursos, professores e até caderno lápis e merenda, levavam muitos alunos a desistir de estudar pois a estrutura precária das escolas rurais desanimavam os alunos e estes desistiam de estudar.

Mas hoje tem um transporte para seus filhos, embora precário, os alunos ganham livros que os pais não precisam mais comprar, o que comprometeria o orçamento da família, e até eles tem direito à bolsa família, o que premia ao aluno que frequenta as aulas, fizeram uma grande diferença do tempo em que seus pais e avós frequentaram o banco escolar.

Isto mostra que não chegamos ao nosso objetivo de mudança para a educação no campo, mas conseguimos ter um bom começo, que não pode ser parado e dado por satisfeito. pois o processo de mudança dos costumes, tradições, instituições, mudanças no trabalho, na agricultura, nas formas de viver do campo. Desafiam o que podemos fazer partindo do que foi conquistado passando pelo dia de hoje, e visando um futuro melhor.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Entidades do Campo em meu município buscam através da luta política aliada à educação, uma evolução no campo das conquistas sociais, pois as famílias dos agricultores precisam ser unidas para ter força de expressão juntos aos órgãos de governo responsáveis pelas verbas destinadas às famílias do campo e da sua agricultura familiar.

Neste sentido a luta através do sindicato dos trabalhadores rurais, e a formação de uma cooperativa de pequenos agricultores, torna uma meta muito importante a ser alcançada, pois a união levará as conquistas desejadas, mas se o agricultor permanecer só e isolado em sua propriedade, não terá força para enfrentar os interesses dos grandes latifundiários, que querem receber todas as verbas e atenção

dos órgãos públicos que atuam na esfera da agricultura e do apoio as famílias do campo.

Assim o MST, presente me um acampamento em São Miguel do Iguaçu, nos dá um grande exemplo de mobilização social e política, pois esta ligada como fosse um corpo celular a todos os outros MST do Brasil inteiro e se for necessário uma mobilização eles não hesitaram em buscar a imprensa, os meios políticos, e até pedir recursos financeiro a vários órgãos ou a igreja, para que sua mobilização alcançasse êxito, e seus objetivos coletivos fossem alcançados. Vejo muito interessante o exemplo encontrados nos mercados da minha cidade, onde esta à venda vários produtos feitos pelas cooperativas rurais e de associação de pequenos produtores, além de suas tradicionais exibição nas feiras aos domingos pela manhã vendendo os produtos e artesanatos produzidos em seus sítios. Tudo isto reforça e fortalece o homem do Campo com sua família, dando respaldo aos seus filhos para que busquem uma melhor educação e qualidade de vida, temos também nos domingos a realização da feira do agricultor, onde as famílias do campo trazem seus produtor, doces, queijos, artesanatos e sua cultura para a principal rua de Foz do Iguaçu, a avenida JK, assim nos dias de domingo temos uma reunião cultural entre campo e cidade, além de a prefeitura de Foz estar comprando frutas, legumes e Hortaliças, para a distribuição na merenda escolar da rede municipal, e quanto a minha escola, como o governo estadual reluta em seguir o exemplo do município, nós pretendemos começar a por em prática o projeto da Horta Escolar, que virá a ser **A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR PARA A VALORIZAÇÃO E APLICAÇÃO DAS DIRETRIZES PARA EDUCAÇÃO DO CAMPO.**

Assim observamos, que a Educação do Campo deve ser pensada e participada por pessoas que vivem no campo, e não só por Secretarias Educacionais com escritórios nas grandes cidades, nossos alunos do campo estão em processo constante de transformação, à espera de pesquisadores, pessoas com espírito nobre, desbravador, corajoso, disposto a navegar por este mar da ciência humana.

Então através desta abordagem científica e histórica, começamos a compreender uma pequena parte do universo da Educação do Campo, que se diferencia da Educação Modelo usada nas Grandes Cidades, um padrão que possui um modelo pronto, acabado. Pois a Educação do Campo tem vida própria, pode aumentar, diminuir, variar e se transformar, através de vários fatores políticos e

sociais. Porque além de estar sempre se modificando, a capacidade renovadora e autônoma da Educação do Campo, é impressionante, pois é gerada pelo Homem do Campo e seus filhos, nosso alunos, que merecem ser auxiliados com o melhor que pudermos oferecer em resgate ao descaso de anos anteriores, em se tratando de “EDUCAÇÃO DO CAMPO, NO CAMPO ESCOLAR”, Com a participação plena do Homem do Campo e sua família.

REFERÊNCIAS

CALDART, R. S. Elementos para a construção do projeto político pedagógico da Educação do Campo. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino Fundamental. **Cadernos Temáticos da Educação do Campo**. Curitiba-PR. SEED, 2005.

RESOLUÇÃO CNE/CEB 1, DE 3 DE ABRIL DE 2002. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo

CALDART, R. S. **Sobre Educação do Campo**. Texto apresentado no III Seminário do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), realizado em Luziânia, GO, de 2 a 5 de outubro de 2007.

CALDART, R. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. Expressão Popular. 3. ed. São Paulo-sp. Expressão Popular, 2004.

ARROYO, Miguel; FERNANDES, Bernardo M. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. Vol. 2. Brasília. BF: articulação nacional por uma educação básica do campo, 1999

Anexo:

Fotos do local abandonado na Escola onde pretendemos implantar a horta escolar





